

Ana Lúcia Lana Nemi

Mestre em História Social pela USP.

Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp.

Pós-Doutorado na Cátedra Jaime Cortesão/FFLCH/USP.

Almir de Andrade e o Traço Português na Colonização e Constituição do Brasil

A nação e o Ocidente

Este texto apresenta as primeiras formulações de Almir de Andrade sobre a singularidade da cultura nacional gestada pela colonização portuguesa. Editor da revista *Cultura Política* entre 1941 e 1945, pode ser considerado um rotinizador das teses freyrianas que ancoravam a ação cultural do Estado Novo.

Palavras-chave: nação, cultura, história.



This paper presents the first ideas of Almir de Andrade about the peculiar portuguese colonization in Brazil. Editor of *Cultura Política* between 1941 and 1945, Almir can be considered a publicizer of Freyre's ideas that was very important to the Getúlio Vargas' government.

Keywords: nation, culture, history.

Carioca, Almir de Andrade (1911-1991) estudou ciências jurídicas e sociais, advogou ao longo dos anos de 1930 ao mesmo tempo em que se dedicava a estudos de filosofia e psicologia e participava como crítico atuando em revistas literárias. *Aspectos da cultura brasileira*¹ foi o primeiro texto no

qual apresentou mais sistematicamente sua visão sobre a formação do Brasil e as possibilidades de constituição de um Estado marcadamente brasileiro. Foi como crítico literário da *Revista do Brasil* que fez a análise dos cinco primeiros volumes da *Nova política do Brasil*, lançados por Getúlio Vargas. Ganhou a

confiança do Estado Novo e recebeu os dois convites posteriores que definiram sua atuação política: “a proposta do DIP”,² em 1940, “para escrever um livro sobre a evolução histórica do Brasil”³ e o “convite realizado em inícios de 1941 para a direção do que deveria ser a mais importante publicação do Estado Novo”, a revista *Cultura Política*.⁴ O autor tornou-se, assim, talvez o principal rotinizador e doutrinador das teses que ancoravam a ação cultural do Estado Novo.

Almir de Andrade terminou de escrever *Aspectos da cultura brasileira* em 1938, portanto é livro anterior ao chamado de Getúlio e é dele que me ocupo aqui na intenção de sugerir a ambiência intelectual da idéia da singularidade da ação colonizadora portuguesa no Ultramar. O marco e argumento para a leitura do Brasil que apresenta no texto foi a Revolução de 1930, quando, segundo o autor, “a cultura brasileira despertou para uma vida nova”.⁵ Analisando aspectos da vida, da sociologia, da literatura e da cultura científica brasileira, Almir de Andrade advogou a especificidade da colonização e da constituição do Brasil. O colonizador português teria sido responsável pela criação de “formas típicas e originais de cultura no solo do Novo Mundo”.⁶ A Revolução de 1930 seria o momento de percepção e divulgação da singularidade de nossa formação nacional.

Neste livro, o autor busca essa singularidade na produção cultural brasileira analisando autores como Aleijadinho, Graciliano Ramos e Gilberto Freyre, en-

tre outros. A Revolução de 1930 é tratada como marco para a definição da originalidade brasileira porque teria permitido a emergência do debate acerca dos elementos político-culturais de formação nacional presentes na obra dos autores por ele estudados. Nessa linha de abordagem dos conteúdos relativos à questão nacional no Brasil, Almir de Andrade torna institucional um debate que surgiu no seio da produção cultural e política do país. Era fundamental, em sua visão, apontar os conteúdos da “alma coletiva” do Brasil que vivia um momento de hesitação e criatividade, dividida entre usar modelos prontos importados da experiência ocidental ou criar modelos próprios, fiéis à experiência construída a partir da colonização portuguesa. Tal momento, o autor define como época de crise de maturidade. Sem definir os agentes sociais ou políticos que constituiriam essa alma coletiva brasileira, Almir limita-se a apontar os caminhos dessa alma que hesita diante da “solução vinda do exterior”, mas que acaba por negá-la: “nós colocamos a sinceridade acima de tudo. Amamos o que é natural, espontâneo, desinteressadamente humano. Queremos construir o nosso destino pelas nossas próprias mãos, amoldá-lo às exigências mais íntimas de nós mesmos”.⁷

Nesse momento de crise de maturidade, o autor constata um aspecto novo no estudo da realidade social brasileira. Tal aspecto teria sido colocado por Gilberto Freyre ao escrever sobre o Brasil utilizando-se do método histórico-cultural e buscando a verdade “não em face da ci-

ência pura, mas em face da vida mesma".⁸ Gilberto Freyre teria trazido para o primeiro plano da sua argumentação os fatores sociais que constituiriam a cultura brasileira, em detrimento dos fatores biológicos normalmente utilizados para definir caracteres étnicos, tão em moda nos debates políticos sobre qual a República que deveríamos construir no Brasil.

Almir de Andrade dialoga com Gobineau, Darwin e Mendel para demonstrar o que denomina tendências racistas que predominaram entre os etnólogos puros do Brasil antes da entrada dos textos de

Gilberto Freyre no debate. Até então, a raça era considerada como principal fator indicativo do nível de evolução e cultura de um povo. O autor invoca o geógrafo Ratzel por ter feito a crítica ao racismo, mesmo não concordando com a tese de que o meio possa ser alavancado à condição de primeiro argumento no debate sobre a constituição e evolução de um povo: "na raça existem possibilidades – mas possibilidades que são modificáveis pelo meio e pela cultura: porque os caracteres adquiridos por influência do meio e dos hábitos de vida se herdam e se fixam nas gerações subsequentes".⁹

AN PH/FOT/ 07692/035



Aleijadinho, um dos artistas estudados por Almir de Andrade em busca da singularidade da produção cultural brasileira

O método histórico-cultural seria uma consequência deste debate sobre como definir uma raça, porque equilibraria seus dois pólos encarando a raça por meio de uma série de fatores considerados sem hierarquias de validade. Dessa forma, hereditariedade, condições geográficas, sociais e econômicas, características morais, produção cultural, valores espirituais e características individuais foram elementos trazidos para o debate, especialmente por Gilberto Freyre, inaugurando um método de pesquisa antropológica até então não usado nos estudos brasileiros. Um método que permitiria advogar a singularidade da alma brasileira porque trazia como argumento

central a história cultural. Na releitura do método de Gilberto Freyre feita por Almir de Andrade, uma definição de cultura era fundamental e o autor se esforça neste sentido:

Toda cultura é expressão de vida. Tra-
duz simultaneamente necessidades
humanas de ordem essencial, ineren-
tes ao homem enquanto ser, e neces-
sidades atuais de determinadas socie-
dades, oriundas de certas formas con-
cretas de adaptação humana no espa-
ço e tempo. (...) reflete o homem, por-
tador de necessidades específicas.¹⁰

A definição de cultura sugerida pelo au-
tor equilibra-se entre a existência de se-

AN PH/FOT/ 6599.012



Discussões em torno de raça e cultura marcaram o debate no Brasil no início do século XX

melhanças fundamentais entre as muitas culturas e as diferenças, não menos fundamentais, dadas pela circunstância¹¹ histórica de cada povo. Os conteúdos dessa circunstância seriam exatamente aquelas características geográficas, econômicas e sociais, assim como os valores espirituais e morais de que falamos anteriormente. Segundo Almir de Andrade, existiria um “humanismo fundamental” em todos os produtos culturais espontâneos dos diversos povos que “emprestaria à espécie humana o sentido de sua unidade e o reconhecimento da sua identidade substancial”.¹² Da mesma forma que esse “humanismo fundamental” ou essa “identidade substancial” criaria necessidades comuns a todos os homens, independentemente do seu lugar no mundo, aquela circunstância diferencial criaria necessidades circunstanciais que precisavam ser apontadas e enfrentadas naquele momento crucial de crise de identidade nacional que o autor observa nos anos de 1930.

Assim, segundo a argumentação de Almir, há vínculos de identidade que unem todos os homens, por exemplo, o fato de que todos somos modelados pelo meio. Mas há, também, diferenças fundamentais que separam os homens no tempo e no espaço. É neste lugar das diferenças que se produziram os preconceitos: na convivência entre povos diferentes o específico foi convertido em norma universal e usado como argumento contra o diferente.

Almir de Andrade formulou um conceito de cultura que procura enaltecer sua faceta espontânea, equilibrando identi-

dade entre os homens e diferenças culturais, elementos universais e fatores circunstanciais. É com base nessa definição que o autor passa a analisar os processos de colonização perpetrados no chamado Novo Mundo. Sua abordagem desses processos é basicamente negativa: a colonização seria um ato que anularia a espontaneidade que deve caracterizar toda produção cultural. Nas suas palavras:

Colonizar, entre os povos antigos, era vencer pelas armas, apropriar-se das terras e das riquezas, subjugar os vencidos pelas leis mais cruéis e mais duras.

O entusiasmo renovador do Renascimento humanizou os meios de colonização, que se ampliaram desmesuradamente com os grandes descobrimentos dos séculos XV e XVI. Humanização, entretanto, muito relativa. Humanização quase que de simples aparência. Porque, se o recurso à força das armas e à escravização dos vencidos perdia o caráter guerreiro e cruel dos primeiros tempos, continuou de pé o recurso à força das couraças civilizadoras para a transplantação da cultura dos conquistadores para meios diversos. E restava um processo de escravização muito mais terrível que o da escravidão exterior pelas armas: era a escravidão das almas e das consciências, o esmagamento das manifestações mais espontâneas e profundas dos homens e dos povos conquistados, pela pres-



são tirânica das instituições e das leis dos colonizadores.

Toda cultura é um produto espontâneo, onde figuram sempre os dois elementos (...): elementos humanos específicos, e elementos atuais, próprios das condições particulares de adaptação a determinado meio e a determinado tempo.¹³

Nessa linha de abordagem dos fenômenos culturais, é a naturalidade com que os dois elementos citados pelo autor se expressam que definiria o grau de civilidade de um povo ou uma cultura. A civilização é definida pelo grau de espontaneidade na produção e manifestação cultural, jamais pelos resultados tecnológicos observados em edificações e conquistas materiais ou pelas proposições político-ideológicas de análise e organização da sociedade. A razão, enquanto elemento universal de constituição do homem, torna-se elemento constitutivo da diferença, pois seu maior conteúdo não é a universalidade, mas a circunstância. Para Almir, cada povo, assim como cada indivíduo, tem e constrói o seu próprio caminho para atingir o que ele denomina de “plenitude evolutiva”: “procurar esse caminho é a única solução verdadeira dos grandes problemas vitais”.¹⁴ A única possibilidade de encontrar e

viabilizar uma proposta de organização política e social de acordo com a realidade brasileira seria, dessa forma, olhar para o interior de nossa singularidade.

Os processos de colonização são criticados pelo autor na medida em que, neles, a busca de caminhos culturais para problemas vitais foi imposta por meio de violência e subordinação, com a imposição de uma “imitação” dita necessária pelo colonizador. O colonizador europeu não teria sabido reconhecer elementos humanos na cultura dos povos colonizados, criando no Novo Mundo uma “cultura de infiltração pela violência, onde o elemento subordinador absorve e anula o elemento criador”.¹⁵ Quando a violência do povo opressor, ou colonizador, atinge níveis que não permitem qualquer reação dos povos oprimidos, ou colonizados, cria-se uma situação em que os últimos não conseguem assimilar as novas instituições e nem conservar as suas antigas instituições, o que caracteriza, segundo Almir, um processo de colonização fraco, incapaz de criar formas culturais reveladoras das possibilidades humanas dos povos envolvidos no processo, sejam colonizados ou colonizadores. É como se ambos, opressores e oprimidos, caminhassem sem direção, posto que não se reconhecem como formadores de um mesmo espaço social e cultural: é a não-identidade total.



Com esses argumentos, Almir de Andrade procurou desqualificar a tese de que o sucesso da empreitada colonial desenvolvida a partir dos séculos XV e XVI deveria ser medido pela sua capacidade de europeizar a área conquistada. Para ele, a capacidade de europeizar revelaria exatamente o contrário, pois demonstraria a inferioridade do colonizador que não soube compreender a natureza das novas culturas que descobria; que negava a capacidade de criação dos povos descobertos; esmagando sua condição de criação ao lhes impor modos de vida estranhos e impedir-lhes de viver segundo suas próprias criações culturais.

Nem devemos dar tão grande valor, como se costuma, ao estudo comparativo dos resultados dessa colonização, relativamente ao grau de civilização dos povos europeus. O que deve importar-nos, antes de tudo, é o seu sentido criador, sua capacidade de adaptação às condições naturais do meio para onde se transplantou, sua capacidade de fusão e de identificação com as culturas indígenas, sua compreensão humana, sua maior ou menor habilidade em colonizar sem sufocar a espontaneidade e a naturalidade das expansões coletivas daqueles povos que a ela se subordinaram.¹⁶

Usando como critério a capacidade de fusão com os povos conquistados e seguindo o raciocínio de Gilberto Freyre, Almir de Andrade reforça o argumento freyriano acerca da originalidade da colonização portuguesa: a criação portuguesa no Novo Mundo não foi racional e essa foi a sua melhor e principal característica. A criação portuguesa no Novo Mundo “reflete essa ansiedade dos caminhos perdidos, essa procura eterna de um ponto de apoio, de uma diretriz e de um ideal que não se encontra nunca”,¹⁷ são criações inacabadas, que refletem a excitação diante dos muitos caminhos possíveis e, ao mesmo tempo, lamenta a inexistência de “todos os caminhos”. O texto de Almir de Andrade ecoa como um relato em que a excitação e a lamentação produzem uma eterna saudade de si, de um “eu” jamais encontrado e jamais reconhecido porque, em meio à nossa aventura no Ocidente, estaríamos mais próximos da África e do Oriente do que da Europa e do Ocidente. Este o legado português percebido por Gilberto Freyre: a transplantação de um “caráter vago, indeciso e contemporizador”, mas acima de tudo capaz de se fundir e criar formas novas de cultura em que se misturaram elementos do Oriente e do Ocidente.

Vemos então que esse povo, que no ambiente europeu não encontrou



condições favoráveis para expandir-se, revela-se bruscamente um verdadeiro criador de forma típicas e originais de cultura no solo do Novo Mundo, em contato com as selvas bravias, com os territórios imensos e incultos, com o sangue ardente dos indígenas e dos negros.¹⁸

Essa abordagem da singularidade brasileira, construída a partir do colonizador português, leva-nos a indagar, no caminho sugerido por Lúcia Lippi,¹⁹ sobre qual Ocidente teria se configurado na península ibérica e no Novo Mundo, ou ainda, sobre qual Ibéria teria se configurado no Novo Mundo. É legítimo pensar numa configuração do Ocidente na península ibérica e, por meio desta, no Novo Mundo, e é preciso fazê-lo para que possamos pensar, também, sobre qual Ibéria transplanta-se para o Novo Mundo: teria a Ibéria realmente trazido o Ocidente? Seria ela, naquele momento de conquistas e descobertas que caracterizam os séculos XV e XVI, uma legítima representante do mundo ocidental que gestava o capitalismo e produziria as revoluções burguesas séculos depois? A nação mercantilista que para cá buscou transpor seu ocidente, se dela pudermos falar como Ocidente, mercantilizou e ocidentalizou ou releu suas próprias configurações quando fun-

dou seu grande braço de ultramar? A obra de Almir de Andrade permite abordar tais questões pela ótica da singularidade do colonizador português e de suas criações no Novo Mundo: a Ibéria de Almir de Andrade para cá se transplantou e aqui se fundiu com as populações autóctones e os outros povos que para cá vieram posteriormente. Uma Ibéria que, segundo Almir de Andrade, para cá veio singular e aqui ampliou sua singularidade ao demonstrar a capacidade de colonizar sem violentar a cultura dos povos conquistados e fundindo-se com ela.

A leitura de Almir de Andrade aguça a questão central deste texto: somos Ocidente? Almir de Andrade, utilizando-se das teses de Gilberto Freyre, esforça-se por demonstrar a singularidade da criação portuguesa no Novo Mundo apontando suas raízes orientais, mas é inegável que a expansão portuguesa que para cá trouxe o processo colonizador é resultado de uma expansão mercantil ligada aos valores capitalistas que se gestavam no âmbito do Ocidente europeu. E, assim, ainda ficamos com a nossa indagação: somos parte do Ocidente? Ou seríamos apêndice? Ou não podemos ser Ocidente? Ou estamos condenados a ser parte do Ocidente compondo sua periferia?

Para Almir de Andrade não havia contradição, ambigüidade ou impossibilidade: a singularidade da formação do Brasil, ancorada no entroncamento entre o Ocidente e o Oriente, representado por Portugal e nas presenças indígena e africana, autorizava uma solução política diferenciada e tornava desnecessárias as questões antes citadas.

O visconde Medardo, personagem criado por Ítalo Calvino e cuja sorte partiu ao

meio numa Cruzada,²⁰ ajuda-nos a compreender as tintas que colorem este debate. Destacamos duas falas, a primeira da metade ruim do visconde, dirigindo-se ao seu sobrinho acerca dos polvos que cortara ao meio, e a segunda da metade boa do visconde, dirigindo-se à sua amada Pamela.

– Que se pudesse partir ao meio toda coisa inteira – disse meu tio, de braços no rochedo, acariciando aque-



AN PH/OT/ 14950.003

Almir de Andrade, um pensador profundamente influenciado pelas idéias de Gilberto Freyre

las metades convulsivas de polvo –, que todos pudessem sair de sua obtusa inteireza. Estava inteiro e para mim as coisas eram naturais e confusas, estúpidas como o ar: acreditava ver tudo e só havia a casca. Se você virar a metade de você mesmo, e lhe desejo isso, jovem, há de entender coisas além da inteligência comum dos cérebros inteiros. Terá perdido a metade de você e do mundo, mas a metade que resta será mil vezes mais profunda e preciosa. E você há de querer que tudo seja partido ao meio e talhado segundo sua imagem, pois a beleza, sapiência e justiça existem só no que é composto de pedaços.²¹

– Ó Pamela, isso é o bom de ser partido ao meio: entender de cada pessoa e coisa no mundo a tristeza que cada um e cada uma sente pela própria incompletude. Eu era inteiro e não entendia, e me movia surdo e incomunicável entre as dores e feridas disseminadas por todos os lados, lá onde, inteiro, alguém ousa acreditar menos. Não só eu, Pamela, sou um ser dividido e desarraigado, mas você também, e todos. Mas, agora, tenho uma fraternidade que antes, inteiro, não conhecia: aquela com todas as mutilações e as faltas do mundo. Se vier comigo Pamela, vai aprender a sofrer com os males de cada um e tratar dos seus tratando dos deles.²²

Seria a nossa condição de modernidade, colocada pela configuração da experiên-

cia ocidental no Novo Mundo, a incompletude manifesta? Ou seria a obtusa inteireza a nossa condição para compor parte do Ocidente? Se nele estamos, é porque ele não é um inteiro coerente, se dele nos abstraímos, falta-nos uma parte porque não é possível viver sem considerar as liberdades públicas e civis. Será preciso ver-se como metade para entender a obtusa inteireza e poder partilhar dos males do mundo, que afinal seriam nossos também, e tratar de si tratando dos outros?

Para Almir de Andrade a condição de inteireza parece ser a singularidade, cujo conteúdo principal é a percepção da divisão constante. E isso talvez explique o seu trabalho de cooptação dos intelectuais de oposição na revista *Cultura Política*: sua abordagem culturalista acerca da constituição do Brasil levou-o a desconsiderar as práticas políticas liberais e ocidentais que considerava consagradas pelas revoluções burguesas e colocou-o no campo político dos intelectuais ideólogos do pensamento autoritário no Brasil, mas não o impediu de atuar junto aos intelectuais de oposição no âmbito da revista, e nem de advogar o que denominava “democracia social”. Ambigüidade, em nosso entender, de quem deseja a singularidade e encontra nela a divisão constante. Um outro doutrinador do Estado Novo, Azevedo Amaral, compreendeu e expressou o dilema do Brasil e o papel dos intelectuais autoritários naqueles anos de 1930: “Os problemas brasileiros são os problemas mundiais, o que não implica em dizer-se

que as peculiaridades do nosso ambiente não retratem os aspectos nacionais daquelas questões, ao ponto de dar-lhes por vezes uma fisionomia inteiramente diferente".²³

Assim, se era fundamental a busca e o estudo da singularidade, era impossível desvinculá-la das questões mundiais; se parecia fácil propor um Brasil além da lógica liberal e ocidental, parecia tarefa difícil esquecer a presença do mundo ocidental na história das lutas pela Independência, marcadas pela defesa

das liberdades individual e nacional e pela escravidão que se modernizava de acordo com os interesses das elites latifundiárias e do capitalismo mundial. Nos debates sobre a constituição da República, marcados pelo positivismo, de novo o fantasma da presença ocidental no ultramar ibérico: que nação teria saído das entranhas do mundo ibérico? Para Almir e seu grande inspirador, Gilberto Freyre, não havia dúvidas: o hibridismo singular deste lugar Brasil justificava a exceção política... Getúlio compreendeu a tese...

N O T A S

1. Utilizo a primeira edição, de 1939 (Rio de Janeiro, Schmidt). Optei por manter a grafia do autor nas citações.
2. Depoimento de Almir de Andrade (documento de história oral), Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 1985, p. 11-12.
3. O livro seria editado, em 1940, pela José Olympio Editora, com o título *Força, cultura e liberdade*. Nele o autor procura articular o conceito de modernização com suas teses sobre renovação cultural e democracia social, de maneira a demonstrar o significado do Estado Novo na construção da nacionalidade brasileira.
4. Angela de Castro Gomes, *História, historiadores*, Rio de Janeiro, FGV, 1996, p. 127.
5. Almir de Andrade, *Aspectos da cultura brasileira*, Rio de Janeiro, Schmidt, 1939, p. 7.
6. *Ibidem*, p. 70.
7. *Ibidem*, p. 25.
8. *Ibidem*, p. 36.

9. Ibidem, p. 50-51.
10. Ibidem, p. 54.
11. O conceito de circunstância foi sugerido por Ortega y Gasset pela primeira vez em 1914, no texto *Meditaciones del Quijote* (Ortega y Gasset, OC, I, 1987, p. 309-400). A formulação tem centralidade no pensamento orteguiano, porque permite sugerir a nacionalidade possível com base na cultura partilhada pelas sucessivas gerações que ativam a roda da história, no seu entender. Esta tradição, que propõe pensar o nacional com base em fundamentos culturais, cujas pistas encontram-se na história e que advoga a continuidade como imperativo na construção dos fundamentos do Estado nacional, é um importante conteúdo dos debates sobre a regeneração e a vertebração da nação em países cuja construção do Estado nacional de base capitalista, moderna e ocidental, é atrasada em relação aos países capitalistas centrais. Ver Ana Lúcia Lana Nemi, *Espanha e Brasil: o Ocidente possível no pensamento de José Ortega y Gasset e Almir de Andrade*, tese de doutorado, Campinas, IFCH/Unicamp, 2003.
12. Almir de Andrade, *Aspectos da cultura brasileira*, op. cit., p. 55.
13. Ibidem, p. 58-59.
14. Ibidem, p. 61.
15. Ibidem, p. 64.
16. Ibidem, p. 69.
17. Ibidem, p. 71-72.
18. Ibidem, p. 73-74.
19. Lúcia Lippi de Oliveira, *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*, Belo Horizonte, ed. UFMG, 2000, p. 69.
20. Ítalo Calvino, *O visconde partido ao meio*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
21. Ibidem, p. 51-52.
22. Ibidem, p. 73.
23. Azevedo Amaral citado por Boris Fausto, *O pensamento nacionalista autoritário*, Rio de Janeiro, Zahar, 2001, p. 72.